
Mecanismos sociais de criação de indústrias em sociedades avançadas

Rafael Jorge Marques **

Resumo

Neste *paper* argumentaremos que as sociedades avançadas são sociedades onde os conflitos radicais tendem a ceder o lugar a conflitos de pequena escala e de raiz identitária e onde a dinâmica de conversão das formas interpessoais de confiança em confianças institucionais implica mecanismos sociais de apaziguamento social. A proliferação de conflitos de elevada extensão e baixa intensidade estabiliza essas sociedades, da mesma forma que as novas indústrias que nelas emergem contribuem para a manutenção do *status quo*. Os novos mercados das sociedades avançadas não se orientam prioritariamente para a produção, mas sim para a mediação, para a regulação e para a corretagem social. A litigação, o aconselhamento e a terapêutica constituem as três principais indústrias das sociedades avançadas, sendo responsáveis pela criação de empregos e pela ultrapassagem das crises económicas e sociais. Estas indústrias proliferam no interior de sociedades que se definem como estando em crise ou ameaçadas pelo espectro da insegurança. Nas sociedades avançadas qualquer problema, dificuldade, crise ou ameaça é imediatamente redefinido como oportunidade para a criação de uma nova área de negócio ou para a extensão de uma área a outro domínio adjacente ou ainda para o alargamento da actividade industrial a um novo segmento. Nestas sociedades avançadas todo o protesto e toda a contestação possuem bases minimalistas e identitárias, o que impede a formação de agendas de protesto global. A difusão de responsabilidades e competências, a crise de autoria e a presença de instâncias duplas de regulação e legitimação fazem destas sociedades, sociedades poliárquicas. A cooptação, integração e absorção dos protestos reforça a estabilidade e a robustez do sistema que assim se mostra capaz de sobreviver, mesmo contra todas as previsões.

O facto de as sociedades avançadas não terem conflitos graves, capazes de minar os fundamentos e a estrutura social, e outras sociedades os terem pode ser explicado pela pluralidade de filiações, de pertenças e de participações, pelo cruzamento de múltiplos círculos sociais, pela presença de uma dupla instância de regulação e legitimação e pela oportunidade dada ao florescimento de miríades de pequenos conflitos. A redução de uma sociedade a um princípio único, a uma filiação simples e completa é o primeiro passo para a abertura de uma caixa de Pandora conflitual. A introdução de novas lógicas e de novos domínios descentra as filiações e as participações e reforça a ideia da multiplicidade identitária. Nas sociedades avançadas, a expressão pelo consumo, pelo orgulho e pelos desejos cria múltiplos pólos de atracção que aumentam os conflitos, mas reduzem o seu potencial destrutivo. A aparente fragilidade política das democracias é compensada pela sua extraordinária robustez dinâmica. A sobrevivência da democracia resulta menos dos seus méritos políticos do que da sua potencialidade cooptante e integradora das diferenças.

A democracia exerce uma “ditadura” de cooptação que torna invisíveis os elementos perturbadores da ordem social, incorporando e ajustando a contestação. A democracia das sociedades avançadas esconde estes processos, criando o mito da total transparência dos processos. Nesta democracia das sociedades avançadas, as minorias possuem as suas próprias maiorias de estimação, transitando-se de uma legitimidade de maioria para uma legitimidade dos direitos das minorias. Ninguém deseja ver-se associado a uma maioria estável, o que é facilitado pela possibilidade de criar sempre uma minoria suplementar na qual nos podemos tranquilamente incluir e que lutará por direitos inalienáveis que têm vindo a ser negados por uma maioria insidiosa que é constituída por todos os outros. A democracia das sociedades

** ISEG / UTL e SOCIUS

avançadas não é uma democracia discursiva, argumentativa ou comunicacional, antes sendo uma democracia identitária que sobrevive graças ao facto de não se deixar prender por um único irredentismo, mas por múltiplos.

As sociedades avançadas adocicam as desigualdades tradicionais, criando janelas de oportunidades que se parecem abrir para todos. A ambição surge como único limite. As indústrias emergentes integram os excluídos e concedem novas oportunidades a deserdados e a desiludidos. A total mobilidade implica que ninguém tenha de ficar para trás por aquilo que é. As novas indústrias oferecem lugar a todos os que desejem integrar-se e comportar-se de acordo com os cânones de cada um dos grupos identitários. As desigualdades tradicionais baseiam-se num eixo de posse - aqueles que têm afastam-se daqueles que não têm. Nas sociedades avançadas pretende-se configurar a desigualdade em termos de ser e não em termos de ter. Assim sendo, o problema das desigualdades não passa tanto por bens ou acesso a eles, mas por aquilo que verdadeiramente constitui o “eu”. Sendo as identidades, ao contrário das posses, incomensuráveis e incomparáveis, deixa de haver bases reais para o sentimento de desigualdade. A operação de redução das desigualdades do ter ao ser, facilita a aceitação de uma ordem social que dura e perdura.

A desnaturalização das funções tradicionais associadas a sociabilidades espontâneas e à construção de imbricadas teias de relacionamento social e de reciprocidade que, não raramente, uniam famílias ao longo de gerações está bem patente na transformação das regras sociais constitutivas de muitas comunidades tradicionais em indústrias florescentes. Tal é o caso da mutação da *xenia* em indústria de hospitalidade. O acolhimento do outro não é mais uma exigência de uma face aberta ao diálogo e à troca de dons recíprocos, mas uma faceta de um negócio de bem acolher e de proporcionar serviços. A recusa e a condenação de determinadas actividades exercidas desde sempre nas sociedades tradicionais, mas que nunca gozaram de um acolhimento favorável podem ser reaceites se forem redefinidas de acordo com os cânones das indústrias nascentes. Se a terapêutica e o aconselhamento são duas actividades reconhecidas e tidas por desejáveis, então a transformação dos serviços de prostituição em formas terapêuticas ou de acompanhamento profissional pode contribuir para a sua aceitação. O comércio da carne (sujo e degradante) vê-se substituído por clínicas imaculadas, por esposas de substituição e por salões de massagem de perfumes exóticos. Toda a função tradicional pode ser reconfigurada e aceite na sociedade avançada, desde que ceda ao crivo e ao filtro da tripla dinâmica da litigação, do aconselhamento ou da terapia.

As sociedades avançadas têm uma dinâmica social que se aproxima do comportamento daqueles que, em plena campanha de desratização e com prémios para cada rato morto, se entretêm em fazer criação de ratos. As sociedades avançadas promovem activamente o desenvolvimento dos fantasmas que pairam como ameaças tutelares sobre as sociedades avançadas. Promovendo a doença é mais fácil que a terapia desenvolvida encontre mercado, apoiando os desvios, mais fácil se torna ceder os direitos sobre os mecanismos de correcção, fazendo disparar o termóstato mais simples se torna divulgar um sistema redutor de *overshootings*. A iatrogénese, o aconselhamento, a litigação e a terapêutica são mecanismos sociais que criam indústrias e novas indústrias sobre as que primeiro se desenvolveram.

Concluindo, as sociedades avançadas são sociedades estabilizadoras da vida social e perpetuadoras da ordem social vigente porque são sociedades poliárquicas de índole identitária e com dupla instância de regulação e de legitimação. Sendo sociedades identitárias, elas definem quadros múltiplos de minorias e de maiorias que impedem a formação de conflitos globais sujeitos a agendas monistas. Cada minoria constrói uma maioria e sendo as minorias não aditivas, o protesto é local e não generalizados. As sociedades avançadas tornam fácil a preservação da ordem porque tornam opacas as desigualdades sociais, fazendo delas meras expressões de identidade. A estabilidade social é garantida pelos mecanismos sociais criadores de indústrias, dos quais os mais importantes são a litigação que cria múltiplos conflitos estabilizadores, a terapêutica que cria patologias variadas que necessitam de um tratamento imediato e o aconselhamento que cria desajustamentos e imaturidades em todas as funções e papéis sociais tidos anteriormente como naturais.

A desnaturalização, a impreparação, a disfuncionalidade e a patologia criam múltiplas oportunidades industriais no seio das sociedades avançadas. Estes três mecanismos criadores de indústria marcam a transição de sociedades de produção para sociedades de mediação, arbitragem e corretagem social, sendo os papéis sociais mais relevantes destas sociedades os que lidam directamente com tais funções. O ambiente de crise permanente, a criação de ícones a atingir com hiatos marcantes entre o que se é e o que se ambiciona e a dimensão securitária abrem múltiplas possibilidades de desenvolvimento de novas indústrias estabilizadoras da vida social. As indústrias que operam pela criação e divulgação de ícones e de exemplares que devem ser imitados são também indústrias que ajudam a promover a sensação de um hiato entre o existente e o desejado, factor que gera indústrias de segunda ordem (aconselhamento e terapêutica destinados a reduzir o hiato que a primeira indústria inflacionou e divulgou) e de terceira ordem (as litigações pelo não cumprimento do previsto) que se desenvolvem pela crise de confiança interpessoal que caracteriza as sociedades avançadas e que obriga a mergulhar no universo de uma confiabilidade institucional que actua através de salvaguardas e de clausulados de protecção muito completos.

As sociedades avançadas, graças à co-presença de duas formas de regulação e legitimação social, redefinem as fronteiras do lícito e do ilícito, do aceitável e do reprovável. A moralidade conservadora dessas sociedades vai sendo gradualmente transformada (sem ceder a mudanças profundas) pela aceitação dos novos limites do nojo e do repulsivo. As actividades condenáveis passam a toleráveis, primeiro, transformam-se em aceitáveis, depois, até que eventualmente acabarão por ser recomendadas ou mesmo desejáveis. Graças a estas características, as sociedades avançadas são sociedades estáveis e perpetuadoras da ordem social.